

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenária * 11 de Maio de 1985 * Ano XLII — N.º 1074 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AQUI, LISBOA!

«Ai, que se a experiência das coisas divinas não fosse, como as demais, um facto individual e intransmissível, eu haveria de passar para o teu peito tudo quanto no meu arde, para tu também arderes! Desculpa a maneira pessoal do meu dizer de hoje. É falar de apaixonado. É por teu amor que o faço; quereira que tivesses a mesma paixão. Vem!» (Pai Américo)

Na data em que escrevemos inicia-se a «Semana das Vocações», problema candente ao nível geral da Igreja e da Obra da Rua em particular. A família a que pertencemos, de dentro e de fora, não pode desinteressar-se de tal questão, porque sem

FESTAS

• SUL

As nossas Festas — organizadas pela Casa do Gaiato de Setúbal — estão aí com toda a força!

Mais uma experiência da preparação nos evidencia a sua urgente necessidade!

Não é só o encontro com a «Família de fora» — como tenho ouvido dizer — nem a necessidade de colher fundos ou fazer propaganda nem mesmo a Mensagem evangélica que as Festas são. O que me tem parecido ainda de maior valor é o rendimento humano e cultural que os ensaios proporcionam aos rapazes, contribuindo para a descoberta dos valores pessoais e para a auto-consciência!

Neste Ano Internacional dos Jovens, os nossos não perdem a oportunidade e o tema vai ser mesmo a problemática juvenil da sociedade portuguesa.

Eis a nossa romaria pela região setubalense — durante o mês de Maio:

Dia 11, Salão de Festas da Casa do Gaiato, em **Algeruz**; dia 18, Sociedade Filarmónica Palmelense «Os Loureiros», **Palmela**; dia 19, Sociedade da

padres não é possível continuá-la. Entendam-se padres com aquela «paixão» acima enunciada, que não duvidem um só instante das promessas do Mestre, embora certos das suas limitações e fraquezas.

«A multidão dos Estropiados» não cessa de aumentar e, se é certo que ao Estado compete a grande responsabilidade de fazer face às carências existentes, não vemos como solucioná-las. Tomáramos nós que ao nível oficial se pudessem dar respostas adequadas e eficazes.

A Igreja esteve sempre presente, desde as horas apostólicas, onde e quando se levantaram ou levantam necessidades. Nos mais variados quadrantes temporais ou geográficos a Igreja esteve, está e deverá estar atenta aos deserdados da fortuna ou às vítimas da injustiça ou do sofrimento. Ao contrário seria negar-se ou truncar a Sua missão.

Nunca como hoje a Obra da Rua foi tão precisa! As solicitações chegam-nos de todos os lados, desde as esferas sociais ao simples cidadão anónimo, sensível às dores alheias. Párcos, Religiosos, Assistentes sociais, Vicentinos, Tribunais, etc., constantemente se nos dirigem. Ora, naturalmente, temos uma capacidade de resposta limitada e, em consequência, na maior parte dos casos, há que dizer um não rotundo às pretensões expostas, ainda que, não raro, com grande pesar. Reside aí mesmo uma das nossas desgastantes torturas. Querer e não poder é difícil de encarar!

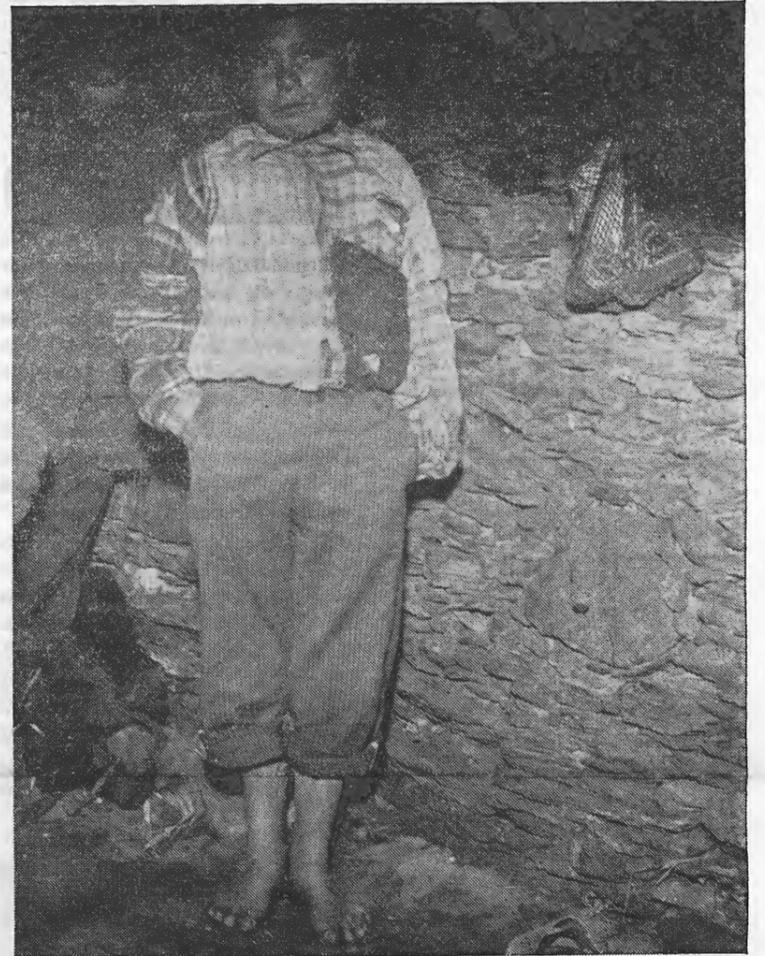
Fazemos nossas as palavras de Pai Américo: «Não repares de eu falar aqui na primeira pessoa, que o faço com letra maiúscula; quando a gente lida e sente de perto a multidão dos Estropiados, fala assim no singular, a ver se outros operários vêm para a Vinha do Senhor, no plural, seja qual for a terra, idade ou condição». Não acreditamos que o Senhor não chame aqui e além. Simplesmente, criados livres, podemos rejeitar o convite. Foi assim com o jovem rico que não se dispôs a renunciar aos bens deste mundo, de tal maneira a eles estava apegado.

Cont. na 2.ª pág. Temos pena de ver tanta

gente sem norte e sem sentido de vida, arrastando-se penosamente, carecida de ideal e da visão de serviço! «A seara é grande mas os operários são poucos», diz o Evangelho. São poucos porque não ouvem nem enxergam. E, trágicamente, em muitos meios ditos católicos, outra coisa não se faz que abortar as promessas reveladas de vocações, o que, certamente, não trará as bênçãos do Alto.

E, para terminar, voltamos a Pai Américo: «Como os passarinhos do Céu volitam em cada do biscato para os seus filhos, assim eu. Valem mais os Pobres do que os passarinhos. O Evangelho não tem frases: é Vida. Ai, que se a tua fé fosse ao menos do tamanho de um grão de mostarda, havias de acreditar nele!» Prouvera a Deus que passasse para o vosso peito tudo quanto ardeu no coração de Pai Américo. Então, acreditando, desejáreis viver, largando as redes e fazendo-vos ao largo, sem medo nem cálculos.

Padre Luiz



«... Quando a gente lida e sente de perto a multidão dos Estropiados, fala assim no singular; a ver se outros operários vêm para a Vinha do Senhor, no plural, seja qual for a terra, idade ou condição.» (Pai Américo)

A expedição do livro «A PORTA ABERTA»

Estamos a despachar, pelos CTT, a 2.ª edição do livro A PORTA ABERTA para os assinantes da nossa Editorial.

Entretanto, alguns leitores mais ansiosos, mal toparam n' O GAIATO a nota publicada em 13 de Abril — sobre o lançamento do livro — vieram logo pedir que não os esquecéssemos!

Não é tarefa fácil para a nossa gente — que realiza, quinzenalmente, a expedição d' O GAIATO — pôr na rua cerca de 6.000 volumes. Houve que tocar o sino da nossa Aldeia para mobilizar samaritanos. O nosso Padre Telmo escolheu os mais jeitosos. E, depois, que o estímulo é factor pedagógico, veio à sala ver o

grupo — aquilo que muitos leitores tanto gostariam de apreciar: o despacho do PORTA ABERTA pela mão dos nossos rapazes. Pedagogia aplicada, transposição das ideias mestras do PORTA ABERTA para o dia-a-dia das nossas comunidades.

«O trabalho é a base de vida nas Casas do Gaiato. É a espinha dorsal. É a cura que se impõe a cada um dos doentes de vadiagem que vêm dar à nossa porta.» Pai Américo vai mais além, noutra preciosa nota recolhida pela Dra. Maria Palmira Duarte, inserida no PORTA ABERTA: «Tem-se escutado, aos ignorantes, um reparo muito severo à nossa organização com estas palavras

textuais: «Fulano diz ser amigo dos rapazes mas obriga-os a trabalhar». Nós já cá sabíamos que a ignorância não faz cerimónias e entra por qualquer porta, atrevidamente. Sim, já sabíamos; mas gostamos de frisar este conhecimento com novos exemplos para aumento de convicção». E remata: «Ora a razão da minha amizade por estes rapazes consiste em levá-los mansamente ao gosto pelo trabalho e, uma vez assim afeiçoados, eles mesmos, por suas próprias mãos, tomam-no alegremente, de sol-a-sol. Pode ser que mais tarde eles venham a conhecer as oito horas de trabalho...»

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ A última reunião — de reflexão, de partilha — proporcionou mais uma Acção de Graças: O tesoureiro recebe as ofertas dos nossos Leitores e, acto final, distribue auxílios normais e extraordinários: para reparação duma moradia (mestre d'obras e electricista), rendas de casa (uma delas 7.500\$00 mensais!), remédios da botica, leite para bebés e o necessário à subsistência de viúvas, idosos, doentes, desempregados. Contas feitas, ergue a voz: — Foi ela por ela!... A conta que Deus fez! Demos graças ao Senhor!

■ Ela foi doutros..., de ninguém. Agora, no fim da vida, que teria se não fossem os nossos Leitores?!

Em todos os casos de miséria procuramos sempre — do ponto de vista material — que a nossa acção seja suplectiva. Primeiro, a Justiça; depois, a Caridade.

Quando demos a mão a esta pobre mulher preenchemos logo um requerimento às instâncias competentes — no primeiro semestre de 1983 — para receber a pensão social. Até hoje, porém, seja ou não pela sua história com muito de inédito, ainda não foi deferida! O último ofício, de 14 de Novembro p. p., informa «que o processo de pensão social continua a aguardar o resultado da Junta Médica à qual terá que ser submetida» — se, entretanto, não morrer...!

O processo tem sido avalizado pela nossa Conferência, e mais não somos do que humildes recoveiros dos Pobres. Não bastaria a nossa fiança para diminuir eles burocráticos? Na maior parte, ela sobrevive apenas das ofertas dos nossos Leitores...

PARTILHA — Do Fundão, 1.500\$00 e «um grande abraço» — que retribuimos. Belazaima do Chão (para os lados de Águeda), 2.500\$00: «Uma migalhita (hoje já é muito pouco...) e não é preciso acusarem recepção; basta uma ligeiríssima referência n' O GAIATO, no estilo do costume». Aqui está! Assinante 31104: «A habitual contribuição para a família do Soldado da Paz». Não desanima! Vale postal de «uma arónima para a mãe jovem com o marido desempregado. Quanta miséria no final do século XX!!!» Três pontos de exclamação muito bem aplicados! Umbilo — Durban (África do Sul): «Um pouco atrasada, cá vão as minhas migalhitas para ajudar de quem mais precisar». Chegam sempre na hora H! Assinante 18909, da Cova da Piedade: «O saldo de contas d' O GAIATO para as necessidades da Conferência». São tantas!... Assinante 24025, da Capital, 500\$00. Quatro vezes mais da «Avó de Sintra», cuja perseverança sublinhamos, destinados «à família do costume, a quem desejo o bem-estar de que necessita». Por fim, a mensagem do assinante 9790, de Oliveira do Douro:

«Junto uma pequenina ajuda para a Conferência.

Podendo a incerteza querer invadir-nos em qualquer altura, façamos uma Oração ao Senhor para que a persistência no Bem seja uma constante de todos nós, que por nada a abandonemos, e assim constitua a Luz que nos guiará sempre nos bons e maus momentos.»

Quem diria melhor?!

Para fácil encaminhamento das ofertas, convém terem a bondade de sublinhar as que destinam à Conferência de Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — A nossa agricultura não pode parar de maneira alguma! Temos de aproveitar todos os momentos do nosso dia-a-dia para podermos semear, colher e comer o pão com o suor do nosso rosto.

Os estudantes em férias deram uma grande ajuda. Quando eles estão, nós, os das oficinas, estamos em férias dos trabalhos agrícolas.

As chuvas atrasaram as nossas sementeiras. A batata já deveria estar toda plantada. Os primeiros canteiros de feijão já deveriam estar semeados. E outras coisas mais.

O grande batatal da vinha está muito bonito e levou o adubo de cobertura. As favas estão cheinhas de flor a cheirar muito bem. Todas as árvores estão a rebentar e algumas



É o Vasco, filho do Zé Luís Pinheiro, de Beja, sobrinho do «Lourinho».

floridas. As videiras já mostram os raminhos com seus cachos pequeninos.

Toda a terra está desejosa de dar alimento para a nossa vida. Bendito seja Deus!

PECUÁRIA — As nossas vacas vão dando leite. Chega para o nosso alimento e todos os dias de manhã passa a camioneta dos Lactínios e leva um grande bidão cheio dele. Esperamos que o leite que vendemos dê para as rações. Nós oferecemos às vacas o nosso trabalho, a erva e a palha. Elas oferecem-nos os filhos, o leite para nós e para comprarmos as rações. Não acham que é bom negócio?...

Há dias vieram trazer-nos seis porquinhos que tínhamos encomendado. Vamos criá-los para depois termos carne muito gostosa.

As nossas galinhas animaram-se com o tempo da Primavera e começaram a cantar e a pôr mais ovos. Agora, cada bico já dá quase um ovo por dia para cada um de nós.

Estamos à espera de pintainhos. São os senhores do Aviário de Santa Cita que no-los costumam sempre oferecer. Têm sido muito nossos Amigos! E os pintainhos têm muitos amigos cá em Casa.

António Manuel (Tonito)

Paço de Sousa

VISITANTES — Continuamos a receber muitas visitas em nossa Aldeia, devido ao tempo quente que se faz sentir!

Têm vindo diversas excursões: de Escolas, Paróquias, Liceus, etc.

Muitas pessoas é a primeira vez que vêm a nossa Casa e ficam admirados com a beleza da nossa Aldeia. Outros, cumprem o seu passeio habitual, todos os anos.

Nós somos a Porta Aberta!

CURSOS DE FORMAÇÃO — O curso de serralheiro, de Formação Acelerada, está no fim. Esperamos que todos tenham obtido bom proveito e nota positiva para conseguirem o seu objectivo.

Também o nosso Rocha foi para o Seixal frequentar um curso de electricista mecânico. Esperamos que consiga, também, bom proveito para o seu futuro.

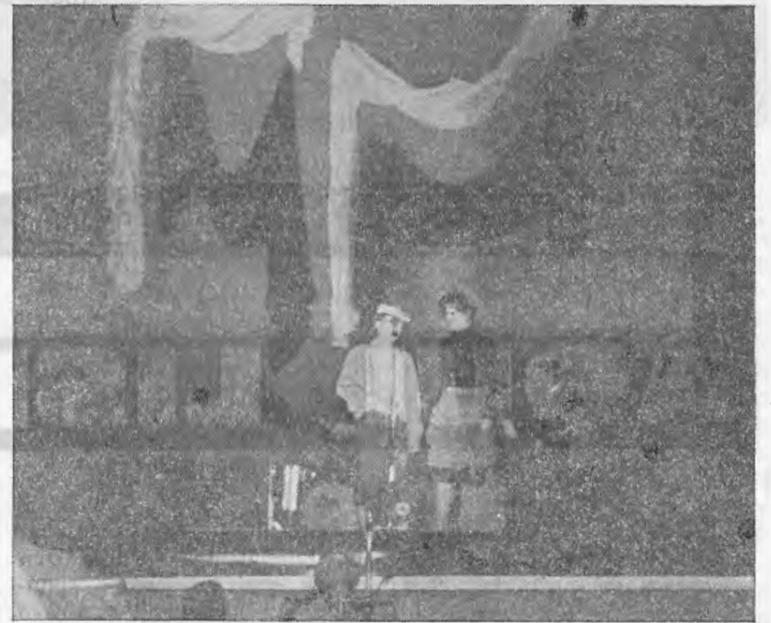
Em nossa Casa está a decorrer um curso de Formação Pedagógica para monitores, em que participam alguns gaiatos, orientado pelos Serviços de Formação Profissional.

SEMENTEIRA — Estamos na altura da sementeira da batata, que é indispensável à nossa mesa. Precisamos de grandes quantidades, pois somos uma Família numerosa e muitas bocas cheias de apetite.

As batatas semeadas nos campos da nossa quinta são as mais saborosas porque resultam do nosso trabalho.

Aliás, o nosso Padre Manuel, que sempre teve muito gosto pela agricultura, quer fazer dos nossos campos um jardim com flores e frutos. A nossa quinta é tão bonita!

José Carlos,



FESTAS

Cont. da 1.ª pág.

Quinta do Anjo; dia 24, Cine-Teatro Luiza Tody, Setúbal; dia 25, Sociedade das Cabanas, em Cabanas.

Padre Acílio

CENTRO

As nossas Festas já são de tradição, ao longo dos anos,

Quem me dera

Quem me dera ser água
Do rio e do mar.
Quem me dera ser água
No firmamento a voar.
Quem me dera ser praia
Ao vento, ao sol e ao luar.
Quem me dera ser planta
Da planície alentejana.
Quem me dera ser árvore
Do campo, da floresta e da cidade.
Quem me dera ser o crepúsculo
Romântico e esperançoso de todo o mundo.

Mergulho no meu mais íntimo
Que se apresenta reservado e tímido.
E descubro que a minha fantasia
Ajuda a comunicar os meus desejos,
[vontades e alegrias.]

Quem me dera não ser homem,
[estragado]
A cinco minutos do pecado.
Quem me dera não ser frágil, mole,
Para fazer desaparecer o corrupto
[controle.]

Quem me dera não ter horário
E ser puro e simples orvalho.
Quem me dera não ter carne nem osso
E ser capricho amoroso.
Quem me dera não ser poeta mal
[comportado]
Mas sim corajoso como Joana d'Arc,
[sem todo o lado.]
Quem me dera poder viver sem amar,
[gura]
Mas não sem poesia, música e ternura.

Mergulho no meu mais íntimo
Que se me apresenta reservado e tímido.
E descubro que a minha fantasia
Ajuda a comunicar os meus desejos,
[vontades e alegrias.]
Manuel Amândio

dentro de nossa Casa — e para os Amigos em suas terras. Não podemos deixar de as fazer!

Está tudo alinhado para as deste ano e já estamos a actuar. Os «Batatinhas» sabem as suas cantigas. Até o Zé, que veio há dias e só tem três anos, também não falta no elenco. Temos «artista»! Andamos atarefados para que continue a sair tudo muito bem e sempre muito contentes.

Eis o calendário delas:

11 de Maio, às 15,30 e 21,30 — Cine-Centro — Covilhã; 12 de Maio, às 15,30 — Cine-Teatro Avenida — Castelo Branco; 18 de Maio, às 21,30 — Casa do Povo — Mira; 19 de Maio, às 15,30 — Teatro Alves Coelho — Arganil; 23 de Maio, às 21,30 — Teatro de Anadia; 25 de Maio, às 21,30 — Salão dos Bombeiros — Cantanhede; 31 de Maio, às 21,30 — Cine-Teatro Império — Lousã; 1 de Junho, às 21,30 — Cinema Messias — Mealhada.

Tonito

Coimbra em Paço de Sousa

Um sacerdote da Diocese de Coimbra — companheiro de Pai Américo no Seminário — que durante muitos anos foi pároco da freguesia de S. José, da Lusa-Atenas, organiza uma romagem à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, ao título de Pai Américo, para os dias 22 e 23 de Junho (sábado e domingo), com passagem por Viséu, Lamego, Régua, Amarante, Sameiro, Bom Jesus e Braga.

As pessoas interessadas na romagem podem dirigir-se à R. Carlos Seixas, 157 - 3.º - E, em Coimbra, ou contactar o telefone 713591 da mesma cidade.



DOCTRINA

● Quão poucos são os que fazem no Mundo, com os seus haveres, amigos íntimos e verdadeiros que os recebam amanhã de braços abertos às portas da Eternidade!

● Dão-se e emprestam-se dinheiros a rodos e tudo o mais que é preciso para segurar amizades altas e viver bem com os grandes do Mundo, como se nele houvesse alguma coisa grande que não fosse a simpatia pela miséria do tugúrio e pela sorte dos que lá moram. Estes, sim, são os nossos melhores Amigos; e porque durante a vida lhes damos a mão, dão-no-la eles, por sua vez, à hora da morte, testemunhas vivas, a vivificar todo o bem que se lhes fez. As lições do Mestre não são palavras nem figuras — são a Vida.

● As horas de maior gozo que a gente vive, são aquelas que se passam a ajeitar a palha da cama aos doentes e a ouvir deles lições altas de resignação. Mestres de Teologia aprendida e saboreada na Cruz, estes Pobres escondidos e ignorados são aquela preciosa margarita de que fala o Evangelho, por amor da qual muita gente tem dado tudo quanto era seu, para a possuir e gozar eternamente.

● O bem e o mal que fazem às Classes indigentes, são golpe certo no coração de quem lida de perto com a vida delas. Quando a gente vê os altos comandos... descerem até ao limiar dos Pobres, a fazer limpeza à fome e ao frio que os consome, sente um não sei quê de alvoroço e alegria, como se vira retirar um naufrago das ondas ou uma criança das chamas! Quem comunga a vida dos Pobres não tem remédio senão sentir e viver os seus trabalhos.

D. Amín. S!

(in Pão dos Pobres — 1.º vol.)

Continuam de vento em pópa! Pela mão do nosso Padre Luiz — da Casa do Galato do Tojal — dezenas de novos leitores de Lisboa e da região de Loures, correspondendo aos seus apelos.

O nosso Padre Carlos trouxe mais 163 da região do Barreiro. E o nosso Padre Telmo incendiou a alma de 157 paroquianos da Sé, Viana do Castelo, prometendo continuar o recado nas restantes igrejas de Viana, à hora das Missas de preceito; sem deixar de cantar as belezas daquela terra, envoltas no cheiro a maresia. Quer, assim, despertar o amor dos vianenses pela Obra da Rua, adubado na leitura d'O GALATO.

A provedora duma Misericórdia algarvia, apesar de sobrecarregada com «os espinhos da sua coroa familiar» — família numerosa — e os da Santa Casa, aonde pontificam as Obras de Misericórdia, aí vai com o Fogo de sempre, apoiando mais cinco novos leitores do «Famoso».

Pela mão dum sacerdote, uma lista de doze novos assinantes de Figueiró dos Vinhos. Uma Viúva da Praia da Aguda, que deseja motivar vinte e cinco, manda mais quatro por conta, afirmando: «Desculpai que vos trate por queridos Amigos, mas é realmente o que sois para mim: Amigos! Convosco rio,

Atenção

Quando o Leitor enviar importâncias para a assinatura d'O GALATO ou da Editorial não se esqueça de recortar e mandar o seu nome e o número de assinante que vão no endereço do jornal ou na embalagem dos livros — preciosos elementos para localizarmos a respectiva ficha, ordenada por ordem alfabética.

Chégámos ao limite das nossas capacidades! De tal maneira que não podemos receber mais nenhum rapaz, enquanto estes se mantiverem cá!

As mesas, na sala-de-jantar, são dezasseis. Levam cada uma, normalmente, oito pessoas. Comportam já nove comensais cada uma. As casas são de vinte e sete rapazes e estão a trinta e dois. As aflições chegam até nós com matizes de tragédia pouco vulgar!... De pessoas particulares e públicas, de instituições oficiais e privadas todos os dias chegam pedidos. Multiplicam-se, dia-a-dia, os viveiros destas histórias que assentam sempre na degradação humana; por isso, não admira que assim seja.

Graças a Deus que o pãozinho tem chegado; não é, por

Novos Assinantes de «O GALATO»

convosco choro, convosco me afligo, convosco vivo!» Torrentes d'Amor cristão!

Temos inscrito muitos que, habitualmente, procuravam O GALATO na mão dos nossos pequenos distribuidores, e chegaram à conclusão de que melhor será receberem o jornal em suas casas, regularmente, pelo correio.

Areosa (Porto):

«Desde há muito que leio O GALATO, adquirido aos vossos rapazes. Também desde há muito pensei ser assinante, mas por desleixo ainda não me inscrevi! Eis-me aqui com essa intenção...»

Madeira:

«Mais uma nova assinante! Ela recebia o jornal pelos vossos rapazes, em Lisboa. Agora viu-o em cima da nossa mesa... e quer assinar O GALATO.»

Reservámos para o fim duas presenças muito jovens, quais bandeiras doutros que seguem discretamente no meio da procissão.

Ermesinde:

«Como aprecio mostrar O GALATO, uma menina com sete anos gostou de o ler e pediu para ser assinante.»

Peredo (Macedo de Cavaleiros):

«Tive o prazer de chegar até às minhas mãos o pequeno jornal O GALATO, o qual gostei de ler e saber que aí há muitos rapazes que foram desamparados e agora bem protegidos. Alguns deles serão da minha idade, pois tenho treze anos e ando na Telescola.

Estou a escrever estas linhas, desculpai se não vão na devida ordem, mas gostava de ficar assinante para receber O GALATO em minha casa...»

Fechamos a nota com os restantes locais de partida da procissão, em alguns dos quais saíram vários grupos de mãos

dadas: Porto e Lisboa, a coluna do costume; mais Odivelas, Oeiras, Carcavelos, Almada, S. Cosme (Gondomar), Laranjeiro, Arraiolos, Mira de Aire, Pegões Velhos, Alcanena, Abrantes, Valongo, Nogueira (Lousada), Vairão (Vila do Conde), Espinho, Lagos, Oliveira de Frades, Chão-de-Tavares, Trofa

Velha, Rio Tinto, Aveiro, Funchal, Susão (Valongo), Monte da Caparica, Coimbra, Miranda do Corvo, Linda-a-Velha, Alheira de Baixo (Carvalhos), Oliveira do Conde, Estoril, Freixeda do Torrão, Covilhã, Setúbal; Montigny le Bretx, Ville d'Avray e Paris (França).

Júlio Mendes

O livro «A PORTA ABERTA»

Cont. da 1.ª pág.

O livro A PORTA ABERTA — Pedagogia do Pai Américo (Métodos e vida) — tem 256 páginas e um índice comentado «cuja função é apresentar uma síntese ou visão esquemática da pedagogia do Pai Américo». Divide-se em quatro capítulos, ideias-força assim tituladas: 1. Somos a seara imensa do trigo e do joio; 2. Eram uma riqueza perdida... eis o caminho do seu verdadeiro aproveitamento; 3. Fazer de cada rapaz um Homem; 4. Filhos criados trabalhos dobrados.

Esta reedição terá um certo impacto — como a anterior — que os problemas da Educação são uma constante de todas as épocas, especialmente neste final do século XX. É um pequeno tratado de Pedagogia, no qual a Autora se apaga inteligentemente para dar força a Pai Américo, à sua linguagem chãozinha, tão expressiva!, sem a terminologia ou a nomenclatura que são feudo de peritos.

Mais: Recentemente, em Jornadas de circunstância, não nos coibimos de afirmar que há responsáveis da Educação fartos de catar novidades na estranja para os seus bancos de dados — e esquecem o que

temos por cá; no caso vertente a Pedagogia de Pai Américo, referida além fronteiras!

POSTAL RSF (resposta sem franquia)

Nesta edição d'O GALATO juntamos um postal RSF (resposta sem franquia), especialmente dirigido aos novos leitores do jornal.

É um facilíssimo processo para — todos quantos não sejam assinantes da nossa Editorial — poderem requisitar o PORTA ABERTA e/ou outras obras que lhes interessem, pelas quais firão mais inteirados da acção e Mensagem da Obra da Rua.

O postal RSF deve ser preenchido com letra muito bem legível, de preferência com letras maiúsculas, e, depois, colocado em qualquer marco do correio.

A utilização dos postais esteve pendente duma autorização especial, que a montagem da frontaria não coincide (só num ponto!) com as normas em vigor e estaríamos bloqueados se não fosse a boa vontade dos quadros superiores dos CTT, que deferiram a expedição a título excepcional. Normas são normas que obrigam — nisto e em milhentas coisas mais — a estarmos sempre d'alerta num mundo de inovações!

Júlio Mendes

SETÚBAL

agora, esta a nossa preocupação. Ainda hoje chegou uma carta registada sem remetente. O carimbo dos correios denunciava a sua origem setubalense. Dizia assim: «Por uma grande Graça recebida do Senhor e pelo respeito que a vossa Obra me merece, envio esta pequena migalha» — duas notas de mil.

Na semana passada um casal de Palmela veio cumprir uma promessa pela filha e pelo neto. Deixaram quarenta contos. Estes votos são verdadeiramente evangélicos! A Força deles assenta na Pessoa de Jesus — hoje abandonada nos caminhos ou descaminhos da vida!..., e que esta Obra, em Seu Nome, acolhe paternalmente.

A costumada Viúva — lem-

brando o aniversário do marido a 30 de Abril — trouxe, com familiares, mais de dez mil escudos.

Amigos do Norte e do Sul foram acordados pelo meu apelo de Novembro passado e não têm regateado a sua presença. Os Pobres continuam, diariamente, a bater à porta e nós a distribuir de mãos cheias e alma feliz!

No Montepio Geral, em Lisboa, têm-se encontrado depósitos que o Padre Luiz para aqui canaliza, escrupulosamente. De Hagen chegou, também, um vale de correio: 28.090\$00. E muito mais que não vou dizer, mas que o Senhor sabe.

Padre Acílio

Tribuna de COIMBRA

A vinda de um casal de Leiria com suas ofertas e, sobretudo, as suas palavras de «agradimento pelo bem que as Casas do Galato vão fazendo, bem que deveria ser obrigação de todos, especialmente dos cristãos». O testemunho deste casal cristão que já tem vindo mais vezes — foi testemunho pascal: Jesus Cristo Ressuscitado, fermento de Amor entre os homens.

Há momentos telefonou uma senhora. Recebeu hoje um dos nossos livros e a relação de todos os outros. É funcionária pública. Na quinzena passada

Cont. na 4.ª pág.

AGORA



Há muitos Irmãos nossos que vivem em condições onde se torna muito difícil a alegria e a dignidade humanas!

Vai sair a nossa procissão pascal. Nada parecida à das romarias onde estrelejam foguetes — e o negócio e a prostituição se aninham. Sinal «dum cristianismo» decadente e longe do Espírito do Senhor. Se vissemos bem onde e como vivem tantos Irmãos nossos, sentiríamos nojo de muitas das nossas procissões e romarias — como o Senhor também sente quando vai no andor.

Que responderá o Senhor no «fim último» ao povo daquela aldeia que gastou dois mil contos em foguetes e não teve coragem de oferecer as telhas para que uma família pobre, do próprio lugar, cobrisse a sua casinha? Por certo: «Não vos conheço».

Mas vamos à nossa: Ela sai em clima de Ressurreição, de renascimento e de ternura carinhosa pelos Autoconstrutores, entre as flores e os cantos desta Primavera.

Abre uma «mãe dolorosa»: «Tendo um pouco de dor, lágrimas e saudades, mando o subsídio de morte do meu marido falecido de acidente. Que seja uma luzinha acesa até ao Infinito para que tão precisa obra possa permanecer». É a Dor que nos redime e aproxima do Senhor! A seguir vem, de Évora, o nosso António Augusto e esposa com outros «vinte mil para as suas «telhinhas» com grande fé em Jesus Cristo vivo».

«O que seria das cidades se não fosse o amor e a grande fé dos filhos de Deus?»

— E se houver só lá um justo poupareis a cidade?

— Se houver só lá um justo não a destruirei.

Da Nazaré, trinta mil com esta grinalda em flor: «A bênção e o Amor de Jesus Cristo Ressuscitado e vivo entre nós esteja com todos vós. Vem Senhor Jesus!» Que Ele venha aos corações atribulados! Do Porto, Maria Efigénia: «Com muita alegria venho enfileirar na procissão com cinquenta mil para o Autoconstrutor mais aflito». O António Carlos, de Rio Tinto: «Dez mil para ajudarem a quem não tem tecto onde se abrigar». Mais dez, de uma Leitora do Porto. Outro tanto do nosso amigo M. A. e este cântico de Sião: «Tenho pena de não poder fazer «caudal», por isso mais uma gota para Autoconstrução. Sim!, oxalá possamos pendurar as nossas harpas à vista da saudosa Sião». Vêm, agora, MM-AL, assíduos nesta procissão, com mais seis prestações que fazem 53 mil. Igualmente vinte mil para a «Casa de Nosso Senhor Jesus Cristo». Nunca falta a presença amiga da «Casa da Paz!», hoje com este hino de perseverança: «Creio que com estes dez a minha prestação fica em 150.000\$00. É com muito enlevo e muita alegria que o constato e agradeço ao Senhor ter chegado até aqui. Que Ele me

ajude a concluir; que a «Casa da Paz» seja um dia realidade, seja o abrigo duma família sem tecto». Vem o assinante 4656, de Espinho: «Embora não tendo fortuna, acho que tenho o dever de dar a minha contribuição (cem mil) para ajudar os que nada possuem». Deus seja louvado por mais este tecto que foi direitinho para Ermesinde! E lá vêm, sempre fiéis, os Funcionários da Caixa Têxtil com a sua oferta mensal. E dêem lugar ao grande Amigo, assinante n.º 20, cuja presença é um testemunho de fé.

Agora, os anónimos através do Espelho da Moda; tantos! Como a procissão cresce!

Os assinantes: 29262, «para tapar um buraco na Autoconstrução»; 17062; 24025, «para umas telhas»; 27172, «dez mil para serem aplicados pelos Autoconstrutores»; 2354, de Santarém, vinte mil — (não

esqueçamos as suas intenções); 24522 com três mil, de Rinchoa. Mais uma Amiga, do Porto, com cinco mil. Elisa, de Santarém, outros cinco. Aureolina, de Torres Novas, com cinco mil. Odete, de Almada: «Oito mil são para uma telha daqueles heróis que se metem a erguer a sua casinha arrastando com toda a espécie de sacrifícios». Margarida, do Porto: «Vão quinze mil para ajudar aqueles que mais anseio e necessidade sentem por falta de um tecto onde possam viver em condições mais humanas e mais cristãs».

Sim, há muitos Irmãos nossos que vivem em condições onde se torna muito difícil a alegria e a dignidade humanas!

A nossa Amiga, assinante 26906, do Vimeiro, vem com o seu subsídio de Natal! Mais mil para uma telha, de José Reis. E mais cinco mil, de Amiga de Fiães. Emília, da Areosa, 20 mil «que gostaria que fossem aplicados numas telhas de um Autoconstrutor». Serão. Macau, C. P. 133, duma grande Amiga da Autoconstrução — 40 mais 27 mil em patacas. A «mãe que crê em Deus» sempre presente com a sua devoção! Do Porto, a assinante 4811 com dez mil. Ainda: Etelvina, da Foz; António, dos Carvalhos; Maria das Dores, de Lisboa; assinante 28512, de Gaia; Branca e Maria Cândida, de Lisboa; M. Pereira, no Montepio,

10.000\$00; outro tanto da assinante 25205. Em memória de Ana Rosa e Margarida, cinquenta mil no B. E. S.; e o mesmo de Alberto Abreu para o Património dos Pobres. Georgina, de Aveiro, mil. Também conosco a Conferência de S. Sebastião com vinte mil. Mais anónimos. A fechar, uma velhinha de 72 anos, no Espelho da Moda: «Quinhentos escudos para algumas telhas».

Foi uma linda procissão pascal! Silenciosa e humilde. Com gestos de ternura pelos Irmãos sem-casa. Um cântico fraterno de fé e esperança nos homens. Bendigamos o Senhor!

Padre Telmo

CARTAS

«Um tanto retardado — porque a celeridade da vida actual nos perturba e até confunde (não há tempo sequer para meditar!) — envio agora o meu cheque para os quatro volumes Doutrina, de Pai Américo, e para pôr a minha assinatura d'O GAÍATO em dia.

É um modesto testemunho de presença e lembrança, pois, no meio dos afazeres, vou-me lembrando sempre da Obra da Rua, até porque O GAÍATO é um sino de rebate...

Assinante 3380»

«Junto envio um vale de correio para o meu jornal — amigo inseparável, onde tanto tenho aprendido! — e também para o livro Pão dos Pobres. Já o deveria ter feito, mas não pude há mais tempo pois também lutamos com falta de pagamento de salários...

Assinante 27884»

«É com muito amor que mando este cheque para a minha assinatura de 1985 e o restante para partilhá-lo como vós sabeis e o Senhor vos inspira.

Nem será o «óbulo da viúva» nem o excedentário do rapaz rico do Evangelho. Digamos que é uma pequena renúncia que a mim próprio impus.

Ramiro»

«Na verdade, o Padre Américo preferia deixar ao critério dos leitores a importância a

pagar e não a impor — como têm feito sempre.

O cheque que junto envio, é, no meu critério, a diferença da minha assinatura pelo preço actual.

Embora a parte material seja importante e indispensável na manutenção de uma Obra como

a vossa, creio não ter sido essa a principal preocupação do Padre Américo, pois o seu objectivo era primariamente a transformação espiritual que a leitura do «Famoso» opera na alma dos leitores. A parte material — dizia ele — «virá depois por acréscimo».

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 3.ª pág.

mandou um cheque por um dos vendedores a recordar o Marido que o Senhor chamou. Nas horas de mais dor e saudade lê uns momentos e fica melhor. Partilhar a vida com os Outros compensa-a em felicidade.

Num encontro de sacerdotes, um deles, ao deixar nas minhas mãos a sua oferta, disse com ar de felicidade: «Não faço favor a ninguém; a minha obrigação é repartir com os Outros aquilo que o Senhor me dá!»

Veio um casal novo. Já me conhecia das igrejas e ruas de Coimbra. Veio em peregrinação de gratidão entregar uma lembrança pelas melhoras dum filho e increver-se assinante d'O GAÍATO.

O correio trouxe um cheque dentro duma carta que diz ser resultado da venda de parte duma casa que um dia seria para a Casa do Gaiato. Como foi possível vendê-la agora, o preciso veio cá ter.

É dum sacerdote que tem partilhado conosco a sua vida.

Um casal agradecido a Deus pelo dom da saúde, dom que considera milagre pela oração, veio partilhar conosco a sua alegria e gratidão.

O telefone preveniu-me de que as obras na casa de uma família pobre, com seis filhos, já somavam trinta contos e era necessário pagar.

Os construtores duma casa para uma família muito pobre e com sete filhos mandaram facturas a ultrapassar os cem contos.

Todos estes testemunhos dão conta de que Jesus Cristo Ressuscitado quer estar vivo em cada um.

Bendito Ele seja!

Padre Horácio

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Abril: 54.775 exemplares.